

A Representação do Islão no jornal *Le Monde* e *Le Figaro*: uma análise dos enquadramentos noticiosos entre 2020 e 2024

Ilumbe Petronelle Mupepe

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Doutora Maria Cláudia Silva Afonso e Álvares, Professora Associada com Agregação

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora:

Doutora Patrícia Durães Ávila, Professora Catedrática

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

A Representação do Islão no jornal *Le Monde* e *Le Figaro*: uma análise dos enquadramentos noticiosos entre 2020 e 2024

Ilumbe Petronelle Mupepe

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientadora:

Doutora Maria Cláudia Silva Afonso e Álvares, Professora Associada com Agregação

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientadora:

Doutora Patrícia Durães Ávila, Professora Catedrática

Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

*Um povo oprimido ganha força quando deixar de se identificar com o opressor.
Isto é, quando criar a sua própria narrativa em vez de permitir que os outros a criem por ele.*

Agradecimentos

Obrigada, mãe e papa.

Obrigada aos poucos amigos, que sem saber, desafiaram-me a refletir sobre este tema.

Um grande obrigado à professora Cláudia Álvares por me acompanhar, encorajar e validar a minha avalanche de ideias e teorias.

Um grande obrigado, professora Patrícia Ávila, pelo pragmatismo das suas respostas e por me encorajar.

Resumo

O presente estudo visa a identificar o enquadramento noticioso de dois jornais franceses, *Le Monde* e *Le Figaro*. Com base numa análise de conteúdo e uma análise crítica do discurso selecionou-se um grupo de editoriais dos respetivos jornais, para entender o posicionamento de ambos quanto às questões ligadas com a comunidade muçulmana em França. Os textos situam-se num período temporal entre 2020-2024, em que foram selecionados em função de palavras-chave ligadas ao tema.

Palavras-chave: Enquadramento noticioso; Editoriais; *Le Monde*; *Le Figaro*; Comunidade Muçulmana

Abstract

This study seeks to identify the news framing of two French newspapers, *Le Monde* and *Le Figaro*. Drawing on content analysis and critical discourse analysis, a set of editorials from both newspapers was selected to examine their positioning on issues concerning the Muslim community in France. The corpus covers the period from 2020 to 2024, with texts chosen based on keywords related to the topic.

Key words: News Framing; Editorials; *Le Monde*; *Le Figaro*; Muslim Community

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract.....	ii
Introdução	1
1 Estrutura e conteúdo	1
1.1 Análise de conteúdo – Introdução	2
Revisão da Literatura	3
2 O Islão nos media – Contexto histórico	3
2.1 Orientalismo	4
2.2 Terminologia orientalista	5
2.3 Enquadramento mediático do Islão	6
2.4 Representações do Islão no ecossistema digital	8
2.5 Representações contemporâneas do Islão e da mulher muçulmana nos media	10
2.6 Contexto cultural e civilizacional do Islão	12
Metodologia.....	15
3 Delimitação e Justificação da Amostra	15
3.1 Abordagem Metodológica: Análise Crítica do Discurso	16
3.2 Ferramenta de análise: MAXQDA.....	17
3.3 Método Misto - Qualitativo com suporte quantitativo	17
3.4 Os editoriais: Pilar ideológico dos jornais?	18
Apresentação e Análise de Resultados	19
4 Le Monde: Temas, Enquadramento e Representações	19
4.1 Regressão social, económica e cultural: análise de conteúdo	20
4.2 Le Figaro: Temas predominantes	22
4.3 Ameaça do Outgroup: análise de conteúdo	23
4.4 Interpretação dos resultados	27

Conclusões	30
5 Sobre o posicionamento ideológico dos jornais	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS	37

CAPÍTULO 1

Introdução

O objetivo desta dissertação é examinar a representação mediática dos muçulmanos e do Islão. Trata-se de um tema amplamente investigado, dada a sua relevância no impacto que exerce sobre a percepção pública e as atitudes sociais. Diversos estudos – como será analisado mais adiante – indicam que a cobertura mediática tende a retratar os muçulmanos de forma estereotipada e negativa, o que pode contribuir para o crescimento da islamofobia. A forma como os media constroem e difundem imagens sobre determinados grupos sociais tem implicações diretas na sua percepção pública, influenciando práticas sociais, políticas públicas e dinâmicas de exclusão ou integração. Neste contexto, torna-se essencial analisar como essas representações são construídas e perpetuadas.

A literatura existente identifica como um dos principais problemas a associação recorrente do Islão à violência, ao terrorismo e a outras formas de ameaça. Esta tendência não só distorce a realidade como reforça preconceitos pré-existentes. Paralelamente, observa-se uma tendência dos media em silenciar ou marginalizar as contribuições positivas das comunidades muçulmanas para a sociedade, contribuindo para uma visão parcial e desequilibrada (Van Dijk, 2012, p.16). Acresce ainda a utilização de estratégias sensacionalistas por parte dos meios de comunicação, que recorrem frequentemente a manchetes alarmistas e a generalizações infundadas para captar a atenção do público (Bakir et al., 2018, p.156), o que acentua estereótipos e fomenta a polarização ideológica (Li e Zhang, 2021, p.159).

1 Estrutura e conteúdo

A presente investigação centra-se na análise da cobertura noticiosa de dois jornais franceses – *Le Monde* e *Le Figaro* – com o objetivo de delinear um quadro das representações associadas ao Islão e às comunidades muçulmanas. A escolha de França enquanto contexto nacional justifica-se pela sua longa tradição de laicismo, pelas fortes tensões em torno da integração de minorias étnico-religiosas e pelo papel central que estas questões ocupam nos debates públicos contemporâneos. O estudo procura compreender até que ponto os discursos jornalísticos destes dois periódicos – com orientações ideológicas distintas – convergem ou divergem na forma como retratam o Islão, frequentemente associado, nos media ocidentais, a cenários de guerra, conflito e crise (Sheikh et al., 1995 apud Ibrahim, 2010, p.112). Importa sublinhar que não se parte da premissa de que jornais de orientação conservadora serão, por definição, mais orientalistas do que os de orientação liberal. O que se pretende é identificar nuances e padrões discursivos, com base na análise de dois dos jornais mais lidos em França e que oferecem uma oportunidade única de comparação ideológica.

A questão de investigação que orienta este trabalho é a seguinte: como são representados os muçulmanos e o Islão na cobertura noticiosa dos jornais franceses *Le Monde* e *Le Figaro*? Para responder a esta questão, definem-se os seguintes objetivos: analisar o enquadramento noticioso das representações dos muçulmanos em dois jornais com posicionamentos ideológicos distintos; identificar os principais estereótipos ou associações recorrentes; avaliar a frequência e o tom das notícias que abordam o Islão; e refletir sobre o impacto potencial dessas representações na perceção pública.

A investigação parte de duas hipóteses centrais. A primeira propõe que o jornal *Le Figaro*, de orientação conservadora, apresenta uma proporção mais elevada de conteúdos com conotação negativa sobre os muçulmanos e o Islão do que o jornal *Le Monde*, de orientação mais liberal. A segunda hipótese sugere que a maioria das notícias sobre o Islão associa esta religião a temas de violência, terrorismo, guerra ou conflito.

1.1 Análise de conteúdo – Introdução

Para testar estas hipóteses e concretizar os objetivos definidos, esta dissertação adota uma metodologia mista, combinando análise de conteúdo quantitativa – centrada na frequência e no tipo de enquadramentos noticiosos – com uma abordagem qualitativa, orientada para a interpretação crítica das representações. O corpus será constituído por editoriais publicados em *Le Monde* e *Le Figaro*, recolhidas através de pesquisas como “Islão”, “Islamismo”, “Laicidade”, “Hijab” e “Comunitarismo” nos respetivos websites. A análise terá em conta os temas abordados e os estereótipos identificados, que irão constituir o nome dado aos códigos inseridos na ferramenta MaxQDA. Será aplicado um sistema de codificação com categorias previamente definidas, de modo a permitir a comparação entre os dois jornais e a verificação das hipóteses.

Por fim, a dissertação está organizada em cinco capítulos. O capítulo seguinte apresenta a revisão da literatura, com especial enfoque nas teorias da representação mediática, nos estudos sobre islamofobia e nos enquadramentos noticiosos associados ao Islão. O capítulo terceiro descreve a metodologia adotada, detalhando os procedimentos de recolha e análise dos dados. O quarto capítulo expõe os resultados da análise de conteúdo. No capítulo cinco e último, esses resultados são discutidos à luz dos principais conceitos teóricos explorados na revisão da literatura, estabelecendo-se articulações entre a análise empírica e os contributos académicos previamente identificados. Por fim, ainda no quinto capítulo sintetiza-se as principais conclusões do estudo, onde se reconhece as suas limitações e apresenta propostas para investigações futuras.

CAPÍTULO 2

Revisão da Literatura

2 O Islão nos media – Contexto histórico

Para dar início a este estudo, é essencial compreender que a forma como o Islão é retratado pelos media influencia fortemente a emergência de discursos discriminatórios associados à religião. De acordo com um artigo publicado no *The New York Times*, estudos indicam que as representações dos muçulmanos são, em grande medida, negativas e baseadas em estereótipos (Li e Zhang, 2021, p.157). Daí a importância de analisar estes elementos, dado que “as representações mediáticas têm o poder de moldar a opinião pública” (Li e Zhang, 2021, p.157).

Com a aparente vitória do Ocidente após a Guerra Fria, permaneceu um inimigo histórico: o Islão, que, desde o século VII d.C., tem sido encarado com desconfiança pelo Ocidente cristão (Said, 1997 *apud* Li e Zhang, 2021, p.158). Acontecimentos como a Guerra do Golfo ou a Primavera Árabe contribuíram para colocar a comunidade muçulmana no centro da cobertura mediática global, muitas vezes reforçando a ideia de que os muçulmanos são *outsiders*, com base na suposição de que não se ajustam ao modo de vida ocidental (Li e Zhang, 2021, p.158).

Neste contexto geopolítico marcado por uma divisão entre Oriente e Ocidente, o enquadramento noticioso tende a ser definido a partir de imperativos ocidentais sobre o que é –ou não é– o “Oriente”. Esta lógica assenta numa dinâmica de poder que se concretiza através de um “sistema de dominação étnica”, o qual, segundo Van Dijk (2012, p.15), apresenta duas dimensões complementares. A primeira é a dimensão social, que se manifesta em práticas quotidianas de discriminação contra indivíduos pertencentes a minorias, através da distribuição desigual de recursos sociais e direitos, podendo conduzir à sua exclusão. A segunda é a dimensão cognitiva, que visa legitimar essas práticas discriminatórias mediante a disseminação de estereótipos, preconceitos e ideologias.

Uma das razões pelas quais persiste esta perceção dos muçulmanos como grupo externo reside no facto de o contacto direto com estas comunidades ser frequentemente limitado. Assim, os media tornam-se a principal fonte de informação sobre o Islão e os muçulmanos (Li e Zhang, 2021, p.159). A abordagem mediática dominante tende a reforçar a “polarização ideológica” (Li e Zhang, 2021, p.159), construindo uma oposição entre um grupo interno, conotado positivamente, e um grupo externo,

caracterizado através de estereótipos negativos. Estas questões justificam o interesse deste estudo, que procura analisar as diferenças na forma como os jornais *Le Monde* (de orientação liberal) e *Le Figaro* (de orientação conservadora) representam a comunidade muçulmana nos seus artigos.

2.1 Orientalismo

Para compreender o enquadramento mediático do Islão, o conceito de “Orientalismo”, introduzido por Edward Said em 1978, revela-se fundamental. Cronologicamente, o orientalismo moderno manifesta-se entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX (Said, 1978), caracterizando-se por um conjunto de perceções e crenças sobre o Oriente que despertavam o interesse de viajantes, romancistas e comerciantes europeus. Esta visão refletia um certo “fetiche” pelo exotismo do Oriente, centrado na sua cultura e nos seus povos (Said, 1978).

Para Muhammad Wahid, o orientalismo consiste na prática sistemática de atribuir conotações negativas à comunidade muçulmana (Wahid, 2023). Esta prática implica o processo de *othering*, ou seja, a categorização dos muçulmanos como “os outros”. Aos olhos do discurso orientalista, o Islão é representado de forma a justificar interesses ocidentais nas esferas militar, económica e até colonial (Wahid, 2023, p.163-164).

O que distingue o orientalismo moderno do chamado “neo-orientalismo”, que surge após os atentados de 11 de Setembro de 2001, é a introdução explícita do elemento do terrorismo. O neo-orientalismo promove a ideia de uma ameaça islâmica iminente que deve ser combatida pelo Ocidente. Enquanto o orientalismo clássico descrevia o Oriente como uma civilização estagnada e inferior à racionalidade ocidental (Wahid, 2023, p.163-168), o neo-orientalismo acrescenta uma nova camada, caracterizando os muçulmanos como perigosos e hostis. Esta construção é disseminada não apenas pelos media, mas também por discursos políticos e pela produção cultural (Wahid, 2023, p.163). Assim, a imagem do muçulmano transforma-se: de povo exótico e primitivo, passa a inimigo do modo de vida ocidental.

Said (1997) argumenta que esta mudança não ocorreu por acaso: após a subida abrupta do preço do petróleo decidida pela OPEC, o Islão passou a ser associado a representações profundamente negativas. A dependência energética dos Estados Unidos contribuiu para que os países da OPEC fossem retratados como um “cartel” hostil, que bloqueava o acesso das multinacionais aos recursos que estas julgavam legitimamente seus (Said, 1997, p.36).

Em suma, o orientalismo –nas suas várias fases históricas– baseia-se em imperativos ideológicos, perspetivas etnocêntricas e preconceitos que o Ocidente impõe ao Oriente (Said, 1978). Para Said, o

orientalismo é, acima de tudo, uma construção discursiva que serve para reforçar a superioridade civilizacional do Ocidente, enquanto confina o Oriente a uma posição de inferioridade.

Mesmo nos dias de hoje, certas regiões do Médio Oriente e do Norte de África continuam a ser descritas com base em imaginários orientalistas, fortemente marcados pelo exotismo. Países como os Emirados Árabes Unidos, Marrocos ou Egipto promovem, através da indústria turística e mediática, uma imagem de luxo e tradição, amplamente reproduzida em filmes e séries norte-americanas.¹ Ainda que algumas destas regiões conheçam um elevado nível de desenvolvimento económico, a percepção de uma inferioridade civilizacional persiste no discurso mediático ocidental. Um exemplo ilustrativo é a cobertura do Campeonato do Mundo no Qatar, onde se destacou mais a crítica às condições laborais dos imigrantes –nomeadamente do Paquistão e da Índia –do que propriamente o evento desportivo. Vários artigos salientaram a violação dos direitos² humanos num dos países mais ricos do mundo, reforçando uma leitura crítica e seletiva das suas práticas sociopolíticas.

2.2 Terminologia orientalista

Com base na obra de Edward Said (1978), é possível identificar uma terminologia sustentada numa lógica de oposição entre “nós” e “os outros”, em que estes últimos são frequentemente objeto de generalizações por parte dos meios de comunicação ocidentais. Esta narrativa de superioridade ocidental assume que o conhecimento produzido fora desse universo tem pouca ou nenhuma legitimidade epistemológica (Ranji, 2021). Said sublinha que determinados textos são construídos com base em relações de poder, e que o discurso ocidental tende a apresentar os muçulmanos como antiquados e em contraste com o progresso ocidental (Said, 1978, p.5).

Michel Foucault, na sua teoria da análise do discurso, reforça esta ideia ao afirmar que “a linguagem de um texto molda-se de acordo com o seu contexto” (Foucault, 1972 *apud* Kerboua, 2016, p.9). A forma como um fenómeno é classificado no discurso depende do campo em que se inscreve – seja ele religioso, clínico ou político – e a elaboração de um texto descreve sempre uma realidade inserida em relações de poder. Assim, o discurso neo-orientalista influencia significativamente a percepção do mundo islâmico, operando como um filtro cognitivo e ideológico (Kerboua, 2016).

¹ O Regresso da Múmia, Três Mil Anos de Desejo ou o Sexo e a Cidade 2, são exemplos de filmes norte-americanos onde está bem ilustrado este conceito de exotismo do oriente.

² Artigo no *Le Figaro* relativo à ausência de pagamento de salários aos imigrantes:
<https://www.lefigaro.fr/flash-actu/mondial-2022-le-qatar-a-expulse-des-travailleurs-etrangers-apres-une-manifestation-20220823>

No entanto, diversos autores sublinham que a receção da mensagem mediática não é um processo passivo. Stuart Hall contesta o modelo linear de comunicação que parte do pressuposto de que a mensagem emitida é sempre compreendida tal como foi intencionada. Pelo contrário, Hall propõe que os media produzem significados que podem ser interpretados de forma diferenciada pelos públicos, dependendo das suas experiências, posições ideológicas e contextos socioculturais. Assim, embora os media tradicionais contribuam para reforçar divisões ideológicas entre grupos internos e externos, a forma como essas mensagens são descodificadas pelos leitores não é uniforme nem garantida. Como será explorado mais adiante, com o advento das redes sociais, o enquadramento tradicional deixa de ser o único critério dominante para definir a realidade, surgindo novas formas de representação produzidas por indivíduos e coletivos na esfera digital.

2.3 Enquadramento mediático do Islão

O enquadramento constitui uma forma de atribuição de poder à mensagem comunicada (Entman, 1993, p.51). A perceção sobre determinado assunto depende, em grande medida, da forma como a mensagem é transmitida pelo emissor (Entman, 1993, p.56). Se o objetivo é analisar o enquadramento noticioso do Islão e da sua comunidade, é essencial compreender o conceito de enquadramento, uma vez que este poderá influenciar a posição assumida pelos dois jornais em relação ao fenómeno em estudo.

Enquadrar, neste contexto, implica “a seleção de alguns aspetos da realidade percecionada, tornando determinados elementos mais salientes num texto” (Entman, 1993, p.52). O enquadramento requer ainda a identificação de agentes considerados responsáveis pelo problema, a formulação de diagnósticos causais, a atribuição de julgamentos morais sobre os seus efeitos e, por fim, a proposta de soluções, com a previsão das suas potenciais consequências (Entman, 1993). Nem todos os textos noticiosos apresentam todos estes elementos, mas o enquadramento opera sobretudo através do destaque de certos aspetos e da omissão de outros, moldando assim a perceção sobre uma realidade específica.

Esta definição de enquadramento permite compreender como determinados atores e eventos são representados de forma seletiva nos media, como demonstra a análise de Powell (2011) sobre o terrorismo. O autor explica que, quando um ato terrorista é perpetrado por um indivíduo não muçulmano, este é frequentemente descrito como um “lobo solitário” que sofre de perturbações mentais³, sendo, por isso, enquadrado como um caso isolado e sem implicações globais. Em contraste,

³ Powel, 2011, p.98-99

quando o autor é muçulmano, é imediatamente identificado como uma ameaça internacional⁴, sendo representado como um perigo para a segurança dos Estados Unidos e do restante mundo ocidental. Embora ambos os casos resultem na morte de inocentes, o enquadramento mediático é claramente assimétrico. Estas assimetrias na cobertura mediática refletem e reforçam o padrão identificado pelo neo-orientalismo, que constrói o muçulmano como ameaça persistente ao Ocidente. Além disso, influenciam decisões políticas, consolidando a associação entre o Islão e o “extremismo” na lógica binária do “nós” versus “os outros”.

A proposta teórica de Powell é ilustrada por um artigo publicado no *Los Angeles Times* após a tentativa de assassinato de Donald Trump⁵, em julho de 2024. O jovem autor do atentado é descrito, logo no título, como alguém com um percurso normal e integrado na sociedade: “Jovem de 20 anos que quase assassinou Trump era um bom estudante, tinha um emprego e fazia parte de um clube de tiro”. Esta formulação suaviza a percepção do leitor sobre o ato violento, construindo a imagem de um incidente isolado protagonizado por alguém do grupo dominante. O jovem não é rotulado como terrorista; pelo contrário, ao longo do artigo são incluídas declarações que referem episódios de *bullying* sofrido, os quais acabam por oferecer uma explicação psicológica para o seu comportamento perturbador.

Por outro lado, a ascensão e auto-proclamação, do Estado Islâmico (EI) marcou decisivamente o enquadramento mediático da comunidade muçulmana. Os media passaram a associar o Islão a atos de violência extrema, como ataques terroristas, abusos e torturas (Von Sikorski et al., 2018, p.203). Tendo em conta as diferenças culturais percebidas entre o mundo ocidental e o islâmico, os media tornam-se a principal fonte de representação da comunidade muçulmana, influenciando a percepção que as sociedades maioritárias constroem sobre este grupo. Vários estudos demonstram que a maioria das coberturas mediáticas sobre o Islão são negativamente enquadradas (Von Sikorski et al., 2018, p.204).

Neste contexto, tende a desaparecer a distinção entre muçulmanos moderados e extremistas. Esta generalização inscreve-se naquilo que a teoria da diferenciação descreve como um processo que “influencia fortemente a forma como a comunidade muçulmana é representada nos meios de comunicação” (Von Sikorski et al., 2018, p.204). Um exemplo disso ocorreu após os atentados de Londres, em 2005: enquanto a CNN optou por não distinguir entre islamistas radicais e muçulmanos em geral –referindo-se aos autores como “British-based radical Muslims” – a Al Jazeera usou uma linguagem mais neutra e diferenciadora, reforçando que “Muitos muçulmanos condenaram os

⁴ Powell, 2011, p.98

⁵ Meija et al., 2024

ataques”. A ausência de diferenciação contribui para a ideia de que os membros do grupo externo são mais homogêneos e indistintos do que os do grupo interno (Von Sikorski et al., 2018, p.204).

De facto, os media têm a capacidade de moldar a forma como o mundo nos é apresentado (Lippmann, 1922 apud McCombs, 2002, p.2). Apesar da retórica da globalização e da ideia de que o mundo se tornou “um só” graças às tecnologias da informação, as percepções que desenvolvemos uns sobre os outros não sustentam essa noção de proximidade. McCombs ⁶argumenta que a centralidade dos media na orientação da atenção pública pode impedir uma visão clara da realidade. Embora hoje se tenha acesso praticamente ilimitado à informação, isso não significa que se detenha controlo sobre o conteúdo disponibilizado, nem sobre os enquadramentos utilizados. O público não controla a forma como as notícias são construídas, seleccionadas e hierarquizadas –e é precisamente aí que reside o poder dos media na definição da agenda pública.

2.4 Representações do Islão no ecossistema digital

É importante sublinhar que a forma como o Islão é representado nos media nem sempre decorre de motivações ideológicas. A componente económica pode constituir um dos principais motores na escolha de determinados enquadramentos que alimentam narrativas de medo. Muitas vezes, os leitores já possuem uma ideia formada sobre o grupo externo e optam por recorrer aos meios de comunicação que validam essa visão. Cria-se, assim, uma dinâmica entre procura e oferta, à qual os jornais –e outros meios –procuram adaptar-se para rentabilizar a sua marca.

Alguns académicos, como Janet Wasko, (2005) ⁷referem, em textos sobre a Economia Política da Comunicação, que “os media transformaram-se numa mercadoria”, convertendo a informação num produto gerador de lucro. Esta lógica de mercantilização da informação é particularmente visível nos media tradicionais, onde os conteúdos são muitas vezes concebidos para maximizar a audiência e atrair investimento publicitário. A necessidade de “acelerar o fluxo de conteúdo” nos diversos canais de distribuição resulta, segundo Henry Jenkins, do facto de a produção de conteúdos estar, cada vez mais, nas mãos dos próprios consumidores.

Jenkins (2013) introduz o conceito de *produser*, uma figura híbrida que acumula os papéis de consumidor e produtor, desafiando a separação tradicional entre media institucionais e públicos passivos. Em determinadas circunstâncias, esta relação pode ser complementar, permitindo que os consumidores influenciem diretamente o conteúdo mediático. No entanto, também é comum que surjam tensões entre as expectativas dos públicos e as estratégias editoriais, uma vez que os

⁶ McCombs, 2002, p.5

⁷ Wasko, 2002, p.28-29

utilizadores exigem uma participação ativa na cultura mediática, “permitindo uma circulação livre de ideias e conteúdos” (Jenkins, 2013, p.44).

Esta transformação contribui para compreender a emergência de novas formas de contestação simbólica nas redes sociais, sobretudo em torno de temas sensíveis como o Islão. Os estereótipos associados ao Islão –independentemente da sua origem –reforçam o papel emergente do consumidor enquanto ator mediático, agora menos condicionado pelas restrições editoriais dos grandes meios de comunicação. Um exemplo claro desta contestação é a mobilização digital em torno da causa palestina, na qual plataformas como o Twitter (atualmente designado “X”) se tornaram fontes privilegiadas de informação alternativa. Tal como os media tradicionais moldam a circulação de símbolos e significados na esfera social e política (Silverstone, 2002, p.2-3), também as redes sociais desempenham um papel determinante na construção de fenómenos políticos contemporâneos.

No entanto, importa distinguir claramente as promessas de democratização associadas à cultura digital dos seus efeitos reais. Apesar de os meios digitais abrirem espaço para a expressão individual e coletiva, também potenciam fenómenos de polarização ideológica. A formação de *bolhas informativas* (filter bubbles), descritas por Eli Pariser (2011), resulta da personalização algorítmica dos conteúdos, que tende a reforçar visões pré-existentes, limitando o acesso a perspetivas divergentes. Qualquer utilizador pode publicar e aceder livremente a conteúdos, mas o funcionamento dos algoritmos favorece a repetição e a homogeneidade, o que compromete o pensamento crítico e fomenta o envolvimento emocional (Steinert & Dennis, 2022).

Este duplo movimento, entre emancipação discursiva e reforço da polarização, evidencia que a participação digital não é sinónimo de pluralismo informativo. Coloca-se, assim, a questão: a transição digital, alicerçada na cultura da convergência, altera a forma como o Islão é representado nos media? Provavelmente não de forma substancial, já que, quanto mais participativo se torna o consumidor, maior poderá ser a clivagem de ideias nas redes sociais, acentuando a fragmentação entre diferentes espetros políticos.

Este ambiente é particularmente propício à atuação de líderes políticos populistas, que utilizam as plataformas digitais como canais diretos de disseminação ideológica, atingindo sobretudo os segmentos mais jovens, frequentemente mais expostos ao ambiente digital. As campanhas presidenciais de Donald Trump em 2016 são um exemplo paradigmático: o candidato utilizou o Twitter (“X”) como principal veículo de comunicação, e nessa rede proliferaram conteúdos como o *Pizzagate*, que funcionaram como estratégia para desacreditar a sua principal adversária, Hillary Clinton (Holtz-Bacha, 2021).

Contudo, o populismo não se manifesta apenas à direita do espectro político. Após a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos de Paris, Emmanuel Macron e Gabriel Attal usaram a rede social “X” para felicitar a atuação da artista franco-maliana Aya Nakamura. A publicação gerou reações imediatas, e foi interpretada como uma tentativa de mobilizar o eleitorado jovem, frequentemente crítico da retórica anti-inclusiva da extrema-direita, que se opôs, desde o anúncio da atuação, por alegadamente “não representar a França”⁸.

Com o declínio da imprensa em papel, o digital introduziu uma nova dinâmica nos jornais e na forma como produzem e difundem conteúdos. Face à concorrência crescente das redes sociais e blogues, o *clickbait* emergiu como uma estratégia dominante para garantir visibilidade e sustentabilidade financeira. Quanto mais sensacionalista for o conteúdo, maior tende a ser o número de visualizações, gerando o lucro publicitário necessário à sobrevivência dos meios (Bakir et al., 2018). Quando o Islão é associado ao terrorismo, observa-se que esse tipo de conteúdos garante níveis elevados de engajamento digital, uma vez que as mensagens com maior “envolvimento afetivo ou emocional” são, geralmente, as que alcançam um público mais vasto (Álvares, 2018).

2.5 Representações contemporâneas do Islão e da mulher muçulmana nos media

A categorização dos muçulmanos em França sob o estatuto de “outros” acentuou-se no período em que o neo-orientalismo – caracterizado pela representação dos muçulmanos como ameaça à civilização ocidental – se afirmou plenamente, isto é, após os ataques de 11 de setembro de 2001. O interesse específico na realidade francesa justifica-se pelo facto de este ser o país europeu com maior número de muçulmanos, de acordo com uma investigação do Pew Research Center (2017)⁹, que indicava que cerca de “9% da população francesa era muçulmana”. Dessa forma, França liderava a lista de países europeus com maior população de confissão islâmica, seguida pela Alemanha.

⁸ *JO de Paris 2024* : Pour Jordan Bardella, Aya Nakamura «ne peut pas représenter la France»
https://www.20minutes.fr/sport/jo_2024/4083662-20240328-jo-paris-2024-jordan-bardella-aya-nakamura-peut-representer-france

⁹ PEW Research Center. (2017, November 29). Europe’s Growing Muslim Population. Pew Research Center’s Religion & Public Life Project; Pew Research Center.
<https://www.pewresearch.org/religion/2017/11/29/europes-growing-muslim-population/>

O jornalismo pode não ser encarado apenas como uma profissão cujo objetivo é transmitir informação. Pode também ser considerado “um sistema textual onde os profissionais reportam a sua interpretação da realidade” (Fürsich, 2002, p.59). Aquilo que poderá parecer opressivo para os ocidentais no que respeita ao modo de vida islâmico pode, na realidade, constituir uma escolha consciente para quem adota esse estilo de vida. Da mesma forma que o uso do *hijab* ou o respeito pela *Sharia* possam ser considerados retrógrados no Ocidente, a liberdade ocidental poderá, para os “outros”, assumir a forma de opressão.

No Ocidente, o vestuário não é regulado por lei; no entanto, as mulheres podem, inconscientemente, submeter-se a normas sociais implícitas. A conceção dominante de beleza pode ser vista como uma imposição do patriarcado sobre o género feminino, através de “dietas, escolhas de vestuário, maquilhagem, penteados, cirurgias plásticas, etc.” (Bromley, 2012 apud Heggenstaller et al., 2018, p.52). Neste sentido, Garfinkel (1967) afirma que estas práticas criam a ilusão de que a mulher goza de liberdade de escolha na sociedade em que vive, quando, na verdade, as decisões que toma sobre a sua aparência e condição social podem ser influenciadas por um sistema patriarcal que também a controla e oprime (Heggenstaller et al., 2018, p.52). Assim, importa questionar: o que pode realmente ser considerado opressivo? Verifica-se, em ambos os contextos culturais, a existência de imperativos normativos sobre o que se espera que a mulher seja ou represente.

O uso do *hijab* é frequentemente associado à opressão da mulher¹⁰, e a representação das mulheres muçulmanas nos media “resume-se, muitas vezes, a comentar a sua posição na sociedade” (Posetti, 2006, p.3). Este estereótipo é sistematicamente alimentado por discursos da extrema-direita, que, ao apropriar-se de narrativas feministas, promove uma crescente visibilidade de figuras femininas na liderança dos seus partidos –como é o caso de Marine Le Pen –com o objetivo de articular ideologia conservadora e feminismo. Trata-se de uma forma de feminismo instrumental, isto é, da utilização seletiva de causas igualitárias com fins excludentes, neste caso com o intuito de mobilizar o apoio feminino contra o uso de vestimentas religiosas (Álvares, 2019).

Para além da questão da laicidade – que, embora se apresente como um princípio de neutralidade religiosa, tem sido usada como ferramenta de exclusão cultural – existe também a associação recorrente entre terrorismo e o uso do *hijab* na narrativa mediática. Esta associação pode gerar um reflexo condicionado – quase pavloviano – sempre que se observa uma mulher a envergar esta peça

¹⁰ Neste artigo do jornal Liberation, Marine Le Pen menciona : “Il faut régler le problème, dit-elle, des femmes qui sont obligées de (le) mettre sous la pression des islamistes”, https://www.liberation.fr/societe/religions/marine-le-pen-se-prend-les-pieds-dans-le-voile-20220418_P33KI5O3EVBX5K57AKRGAIU7DM/

de vestuário. Por exemplo, ao ler-se num artigo jornalístico ¹¹uma frase como: O terrorista poderá ter usado uma *burqa* na noite precedente ao ataque, pode fomentar-se, na ótica do leitor, um preconceito em relação ao uso dessa vestimenta (Terman, 2017 *apud* Kasirye, 2021).

Tal construção narrativa acentua a percepção da suposta incapacidade dos muçulmanos para se “assimilarem à identidade europeia” – percepção que, segundo (Panagopoulos, 2006 *apud* Kasirye, 2021, p.1), não decorre exclusivamente de divergências culturais, mas antes da resistência por parte das sociedades europeias em acolher esses indivíduos, como se verifica nas formas como os representam.

À semelhança do modo como o populismo se afirma na ideia de que o líder é a voz do povo, também a causa feminista é instrumentalizada por figuras como Marine Le Pen, que se apresenta como defensora da voz das mulheres que partilham os valores da *République Française*. No entanto, esta visão exclui implacavelmente aquelas que escolhem usar a *burqa*, desconsiderando o direito à autodeterminação cultural e religiosa das mulheres muçulmanas. Assim, a representação mediática da mulher muçulmana torna-se um campo de disputa simbólica, onde se cruzam ideologias securitárias, estruturas patriarcais e estratégias populistas de afirmação identitária.

2.6 Contexto cultural e civilizacional do Islão

Existe, claramente, um “dilema na forma como grupos marginalizados são representados pelos jornalistas” (Fürsich, 2002, p.64;66). A abordagem jornalística envolve, frequentemente, crenças infundadas sobre esses grupos. O jornalismo, segundo Fürsich, “não deveria basear-se em interpretações propagandísticas sobre o outro, motivadas pela falta de interesse em compreender temas culturais complexos e alheios ao que o público está habituado”. O autor apela à necessidade de “uma abordagem objetiva e/ou epistemológica” para enfrentar esse dilema, o que, segundo o próprio, se concretiza ao colocar-se ênfase na “necessidade de colaborar diretamente com o objeto de estudo”. Ou seja, implica “entrar em contacto com os próprios elementos da cultura ou com etnógrafos” especializados na cultura a ser representada (Fürsich, 2002).

Said, na sua obra *Covering Islam* (1997), acrescenta que este dilema não se manifesta de forma homogênea em todo o Ocidente. A percepção do Islão “difere na forma como os europeus o veem em

¹¹ Esta situação assemelha-se a um caso noticiado pelo jornal Ouest-France, no qual um indivíduo suspeito de envolvimento em atividades terroristas no Reino Unido, em 2013, terá escapado utilizando uma burqa como disfarce, <https://www.ouest-france.fr/monde/londres-soupconne-de-terrorisme-il-sechappe-en-burqa-1689615>

contraste com os americanos”. A “colonização por franceses e britânicos de países como a Argélia ou o Egito” (Said, 1997 p.12;13) demonstra que o contacto com o Oriente varia consoante o percurso histórico das potências ocidentais, criando uma dicotomia interna no próprio Ocidente. Essa proximidade – dir-se-ia civilizacional – resultante da experiência colonial, concedeu aos europeus uma “vantagem em matéria de conhecimento aprofundado sobre o Islão” (Said, 1997, p.14). Ainda assim, essa aproximação não eliminou as conotações negativas atribuídas aos muçulmanos por grande parte das sociedades europeias. Tal deve-se, segundo Said, à “constante relevância geopolítica de países teocráticos como o Irão, detentor de petróleo e padrinho do grupo terrorista Hezbollah” (Said, 1997, p.7). Estas distinções refletem as heranças do orientalismo clássico e do neo-orientalismo, que continuam a moldar as formas de ver o Islão na Europa e nos EUA.

É igualmente relevante compreender que os europeus, ao contrário dos norte-americanos, “estabelecem laços diplomáticos que os aproximam do mundo árabe”, o que lhes permite aceder a informação dessas regiões através de “seminários ou livros traduzidos que não existem nos E.U.A.” (Said, 1997 p.14). Em contrapartida, os laços estabelecidos entre os Estados Unidos e o mundo árabe “são puramente militares” (Said, 1997 p.14), condicionados pela perceção americana de que estes países constituem uma ameaça ao mundo ocidental.

Michael Schudson apresenta uma perspetiva interessante sobre a cultura e a eficácia simbólica dos media. Como vimos anteriormente, os meios de comunicação constroem pontes entre o Ocidente e o Oriente. No entanto, Schudson defende que a cultura não nos é imposta de forma determinista, mas é composta por símbolos que os indivíduos podem usar e interpretar livremente. Ao contrário das abordagens deterministas sobre os efeitos dos media, Schudson sublinha a agência dos públicos na apropriação de símbolos culturais. Para o autor, a cultura não move a ação social diretamente; fornece antes um repertório simbólico que pode ser mobilizado de formas distintas pelo recetor. Assim, mesmo que “as pessoas não sejam maleáveis, mas os símbolos o sejam”, não se exclui a possibilidade de os significados atribuídos a esses símbolos poderem também ser usados para influenciar o pensamento coletivo. Contudo, cabe aos indivíduos decidir como utilizar e interpretar esses símbolos (Schudson, 1989, p.155).

Esta linha de pensamento, ao enfatizar a autonomia da receção e do pensamento crítico, leva-nos a concluir que os indivíduos apenas reforçam preconceitos que correspondem às suas “intenções pré-existentes” (Schudson, 1989, p.156). O poder de persuasão ou de formatação mediática é, portanto, limitado. Se, por exemplo, um leitor consultar um jornal conservador, não adotará mecanicamente a perspetiva aí defendida. Pelo contrário, poderá assumir uma atitude crítica perante esse conteúdo, filtrando-o à luz das suas convicções. Este processo evidencia aquilo que se pode designar por receção

diferencial das mensagens mediáticas, moldada pelas experiências, valores e predisposições dos recetores.

A recetividade do público constitui um desafio que os próprios meios de comunicação procuram contornar, alinhando-se com linhas editoriais que maximizem a identificação do público-alvo. Os atentados terroristas ocorridos em França, por exemplo, representaram uma preocupação coletiva acrescida por terem ocorrido em solo nacional. O impacto de ver um vizinho ou colega afetado direta ou indiretamente pode ter alterado, ou reforçado, a percepção que muitos franceses têm do Islão.

Schudson sustenta que muitos fenómenos passam a ser considerados problemas culturais apenas quando os recetores se identificam pessoalmente com eles. Por outro lado, outros crimes, como homicídios individuais, podem não provocar o mesmo grau de ressonância emocional, não gerando o sentimento de medo constante que os atentados terroristas provocam. No entanto, segundo o argumento de Schudson, esses ataques podem ter alterado a percepção do medo por parte da população francesa, sem que, necessariamente, os símbolos do Islão tenham modificado as suas posições políticas de fundo.

Assim, a forma como o Islão é mediaticamente representado não depende apenas das mensagens produzidas, mas da complexa relação entre produção, receção e contexto cultural – numa rede de sentidos marcada por interesses geopolíticos, heranças coloniais e clivagens simbólicas.

CAPÍTULO 3

Metodologia

3 Delimitação e Justificação da Amostra

O objetivo desta investigação é analisar o enquadramento noticioso do Islão em dois dos mais relevantes jornais franceses: *Le Monde* e *Le Figaro*. A escolha baseia-se nas suas linhas editoriais distintas – o primeiro com uma orientação mais progressista, o segundo mais conservadora –, o que permite uma comparação ideológica do tratamento mediático do Islão.

Optou-se por realizar uma análise de conteúdo comparativa, centrada em editoriais de cada jornal, publicados entre 2020 e 2024. Os resultados das pesquisas apresentaram diversos artigos, fora os editoriais, que variavam segundo as palavras-chave utilizadas. Procedemos por selecionar editoriais 15 de cada jornal aplicando o conceito de Purposeful Sampling¹² que implica a seleção intencional e exclusiva de: 1) editoriais; 2) selecionados conforme as palavras-chave mencionadas anteriormente. À medida que os editoriais iam surgindo, e verificando-se que o conteúdo apresentava similaridades, optou-se por selecionar 15 editoriais de um universo de 96 (Cf. tabela 1), num período assinalado entre 2020 e 2024. As palavras-chaves também foram selecionadas para assegurar a diversidade entre os artigos, apesar de estarem ligados a um só tema: o islão e a sua comunidade.

Tabela 3.1 – Universo dos artigos encontrados consoante as palavras-chave em ambos os jornais.

Jornais	Islão	Islamismo	Laicidade	Hijab	Comunitarismo	Total
Le Monde	32	9	14	0	2	47
Le Figaro	10	20	6	2	1	39
Total	42	29	20	2	3	U=96

A escolha por editoriais e, não por artigos noticiosos, justifica-se pelo facto de estes textos representarem com maior clareza a linha ideológica de cada publicação. Como textos de opinião institucionalizada, os editoriais refletem a visão do jornal sobre temas de relevância pública e são centrais na formação da sua identidade editorial.

A pesquisa foi realizada exclusivamente nas versões digitais dos jornais. Para garantir a relevância dos textos selecionados, foram utilizadas palavras-chave como “Islão”, “Islamismo”, “Laicidade”, “Hijab” e “Comunitarismo”. Foram intencionalmente excluídas expressões como “*jihad*”, “terrorismo”

¹² Creswell e Plano Clark, 2018, p.12

ou “radicalização”, de modo a evitar enviesamentos na amostragem, uma vez que o objetivo principal foi o de identificar o enquadramento noticioso do Islão sem partir de associações que, como visto na revisão da literatura, tendem a reforçar representações negativas da religião e dos seus fiéis.

3.1 Abordagem Metodológica: Análise Crítica do Discurso

A metodologia adotada para a análise dos textos foi a Análise Crítica do Discurso (ACD), desenvolvida por autores como Teun A. van Dijk. Esta abordagem permite estudar de que forma o discurso mediático constrói representações sociais, muitas vezes moldadas por relações de poder, desigualdade ou exclusão.

Um dos autores mais relevantes nesta área é precisamente van Dijk, que na obra *Discurso e Poder* (2008) identifica a forma como a linguagem pode estabelecer a barreira entre o *ingroup* (grupo dominante) e o *outgroup* (grupo minoritário), revelando relações de poder associadas à ordem social, raça, hegemonia, classe, género ou interesses. Para van Dijk, quem controla o discurso público controla também, em larga medida, o enquadramento social de diferentes grupos, contribuindo para a manutenção de uma ordem em que um grupo é dominante e outro é subordinado.

A ACD realiza-se plenamente quando se foca em “problemas sociais e questões políticas” e procura não apenas descrever as estruturas do discurso, mas explicá-las em função das estruturas sociais em que se inserem. Considerando que o Islão constitui, hoje, um tópico sensível nos media europeus, a ACD permite evidenciar as dinâmicas de poder entre os muçulmanos e os membros das sociedades maioritárias. Para tal, é essencial identificar os níveis macro e micro dos discursos e as suas repercussões na sociedade. Um exemplo oferecido por van Dijk refere-se a um discurso com conteúdo racista (nível micro) proferido num congresso partidário: este poderá ter repercussões sociais amplas (nível macro), através da normalização ou reforço do preconceito social.

O objetivo da ACD é, assim, explicitar estas noções de poder que, à partida, são difusas, mas que este tipo de análise permite descrever em detalhe. O papel da ACD é precisamente tornar explícita esta lógica de acesso e controlo discursivo, que muitas vezes é generalizada e invisibilizada.

Van Dijk argumenta ainda que diferentes instituições exercem poder sobre diferentes tipos de discurso: os juízes sobre o discurso jurídico, os académicos sobre o científico, os políticos sobre o político e os jornalistas sobre o mediático. Assim, o discurso jornalístico é inseparável do posicionamento editorial de cada órgão de comunicação. A ACD aplicada a editoriais permite aceder às “representações mentais” que os jornais constroem sobre determinados grupos sociais.

Van Dijk defende que, através do discurso, é possível exercer controlo sobre as mentes dos recetores – sobretudo quando os media não oferecem espaço a crenças alternativas. A autoridade e credibilidade socialmente atribuídas aos media levam muitas pessoas a aceitar as mensagens sem

recorrerem ao espírito crítico. A ACD permite identificar elementos implícitos no discurso jornalístico, nomeadamente em temas relacionados com a imigração, que contribuem para a manutenção de estruturas de exclusão.

Esta abordagem remete-nos ao “paradigma dos estudos ingleses”, segundo o qual a notícia não é um reflexo neutro da realidade, mas sim um produto social, moldado por forças políticas, económicas e culturais (Fowler, 1991, apud van Dijk, 2008, p.125).

3.2 Ferramenta de análise: MAXQDA

Para a análise sistemática dos textos seleccionados, foi utilizada a ferramenta MAXQDA. Através dela, foi possível codificar e comparar a abordagem mediática dos dois jornais relativamente ao Islão. Os códigos foram definidos em função dos principais temas identificados nos textos, com especial atenção ao vocabulário utilizado na descrição de fenómenos relacionados com o *outgroup*. A frequência de palavras foi visualizada através de uma nuvem (Cf. figura 5 e 6), que permitiu identificar os temas mais recorrentes esboçando as representações discursivas utilizadas na construção da imagem do Islão.

3.3 Método Misto - Qualitativo com suporte quantitativo

Apesar do MaxQDA ser a ferramenta de eleição para análises qualitativas, procurou-se adicionar uma componente quantitativa ao estudo, de modo a quantificar e sustentar os resultados obtidos através da leitura dos textos. A análise qualitativa realizou-se através da leitura, análise e codificação (agrupamento) de temas que surgiram nos respetivos editoriais. O papel do método quantitativo restringiu-se à contabilização da frequência com que um tema ou palavras são invocados. Desta forma, foi possível identificar um padrão temático em cada um dos dois jornais, maioritariamente delineado pela análise qualitativa.

Esta etapa é importante, pois a codificação traduz-se na transformação dos dados que foram obtidos em texto bruto em temas que foram destacados nos textos. Isto, no intuito de expor a essência do conteúdo que está a ser analisado (Holsti, 1969 *apud* Bardin, 2016, p. 103). A escolha do método misto, deve-se ao facto de ser uma “abordagem que permite compensar as fragilidades de ambos os métodos, evidenciado a potencialidade de cada um” (Creswell, & Plano Clark, 2018, p.12). Na medida em que uma abordagem exclusivamente quantitativa pode ser contestada “por não prestar a devida atenção ao contexto do que está a ser estudado”, a qualitativa pode, por outro lado, ser alvo de crítica pois está “à mercê da interpretação do investigador, o que leva ao potencial enviesamento do estudo” (Creswell e Plano Clark, 2018, p.12).

No presente estudo, ambas as metodologias permitiram, como será discutido mais à frente, suportar as hipóteses colocadas pelos diversos autores sobre o tema.

3.4 Os editoriais: Pilar ideológico dos jornais?

Como já mencionado, *Le Monde* e *Le Figaro* apresentam linhas editoriais distintas. Ao analisar este tipo de texto opinativo, é possível identificar dois elementos centrais para esta investigação: (a) o posicionamento ideológico de cada jornal e (b) os temas predominantes que emergem da leitura dos seus editoriais.

Segundo Espinosa (2003), os editoriais são textos de opinião que abordam “quase sempre os acontecimentos da atualidade, oferecendo elementos interpretativos da mesma”.¹³ Funcionam como “textos de reflexão que, com o seu entendimento dos fenómenos, complementam o que as notícias não proporcionam¹⁴”. Para o autor, os editoriais são “o cartão de visita e o elemento de identificação ideológica de qualquer meio de comunicação¹⁵”. Representam, por isso, a opinião autorizada do jornal e são o lugar onde se manifesta de forma mais explícita a sua orientação política e ideológica.

O corpo do editorial divide-se, normalmente, em três partes: a) uma introdução ao tema do texto; b) o comentário, onde o assunto é desenvolvido e é expressa a posição do jornal ou do jornalista; c) e, por fim, a conclusão, que expõe as razões pelas quais o tema é avaliado a partir de determinada perspetiva. É nesta última parte que se transmite ao leitor um elemento final de reflexão que encerra o raciocínio do editorial (Espinosa, 2003).

O papel do editorial é o de aprovar ou reprovar fenómenos sociais e políticos, transmitindo interpretações e julgamentos morais sobre temas de interesse público (Espinosa, 2003; Marques & Mont’Alverne, 2019). Ao desmistificar acontecimentos complexos e oferecer uma perspetiva sobre as suas causas e consequências, os editoriais constituem um espaço privilegiado de influência ideológica. Espinosa observa que essa influência é, hoje, sobretudo indireta, exercida através de leitores assíduos e formadores de opinião que, por sua vez, projetam a mensagem editorial para a esfera pública. Neste sentido, destaca-se o relato de que “o presidente JFK demonstrava-se afetado pelos editoriais do *New York Times*” (Oakes, 1964, apud Marques & Mont’Alverne, 2019, p. 1815). O privilégio de exercer tal influência obrigava, em determinadas circunstâncias, a uma revisão “na forma como estes eram escritos de modo a não importunar figuras políticas influentes” (Oakes, 1964, apud Marques & Mont’Alverne, 2019, p. 1815).

A escolha de editoriais para análise nesta investigação prende-se, pois, com o seu papel na construção de sentidos coletivos e na influência indireta – mas relevante – que podem exercer sobre o debate público

¹³ Espinosa, 2003, p.2

¹⁴ Espinosa, 2003, p.2

¹⁵ Espinosa, 2003, p.2

CAPÍTULO 4

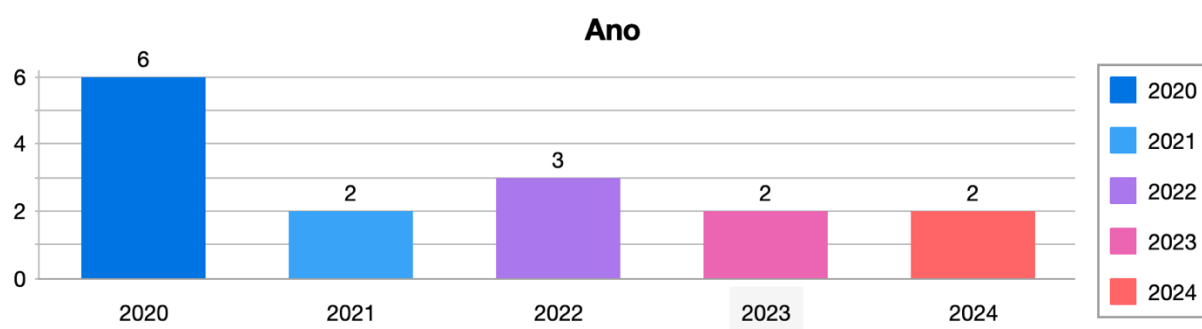
Apresentação e Análise de Resultados

Este capítulo apresenta os resultados da análise dos editoriais publicados pelo *Le Monde* e pelo *Le Figaro*, centrando-se nos temas predominantes, nos enquadramentos discursivos e nas formas de representação do Islão e dos países muçulmanos. A análise procurou identificar padrões temáticos e discursivos recorrentes, organizando-se em torno de dois eixos principais. A seleção de excertos representativos foi orientada pelos critérios definidos na metodologia.

4 Le Monde: Temas, Enquadramento e Representações

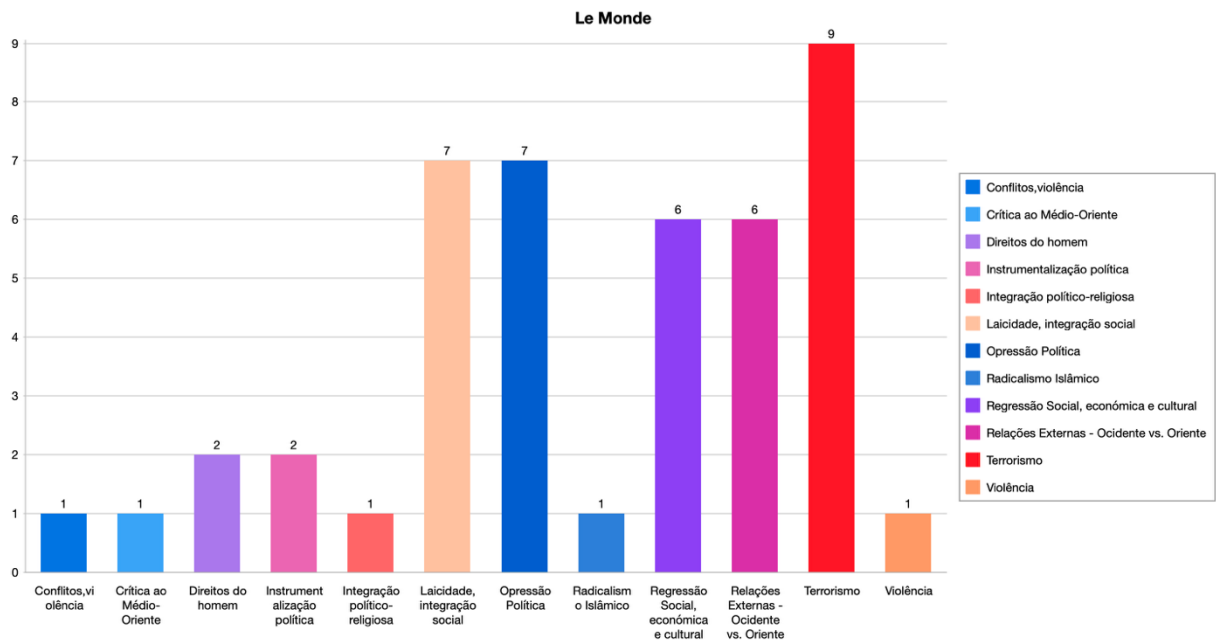
Foram selecionados 15 editoriais do *Le Monde* publicados entre 2020 e 2024. A seleção não foi orientada pelo ano, mas notou-se uma maior uma concentração de textos no ano de 2020 (Cf. figura 4.1), marcado não apenas pela crise sanitária da COVID-19, mas também por vários ataques terroristas, nomeadamente o assassinato do professor Samuel Paty. Estes eventos intensificaram o debate político em torno da laicidade e da liberdade de expressão, refletindo-se na agenda mediática.

Fig. 4.1 – Distribuição dos editoriais por ano.



A análise dos textos evidenciou uma homogeneidade temática, com destaque para diversas áreas centrais como: o terrorismo; a laicidade e integração social; e a regressão social, económica e cultural.

Fig. 4.2 – Distribuição temática dos editoriais do *Le Monde* (2020–2024).



Com base na relevância para a problemática da investigação, optou-se por destacar como eixo analítico principal o tema da regressão social, económica e cultural. Que apesar de mostrar um número menor de segmentos codificados do que por exemplo, o tema do terrorismo, revelou passagens com maior ligação direta à representação generalizada dos muçulmanos, conforme argumentado por Edward Said no contexto do neo-orientalismo.

4.1 Regressão social, económica e cultural: análise de conteúdo

Said (1978) argumenta que o discurso orientalista apresenta o Oriente como estático, retrógrado e civilizacionalmente inferior. Essa visão emerge de forma clara nos editoriais analisados. Selecionou-se dois textos sobre a Tunísia e o Irão, em que o jornal descreve um cenário de retrocesso democrático, social e económico, visível nas passagens seguintes:

“Dez anos depois, a transição democrática tunisiana está em perigo. [...] A elite política que assumiu o poder a partir de 2011 não soube enfrentar a fratura social e territorial que mina a Tunísia há décadas [...].” (*‘Tunísia – os riscos de um fracasso, dez anos após a revolução’*, *Le Monde*, 2020, pos. 7)

O editorial apresenta a sociedade tunisina como incapaz de consolidar um modelo democrático estável, apesar das expectativas geradas pela chamada Primavera Árabe.

“Deixar apagar essa chama seria condenar toda a região à inevitabilidade de uma alternativa islamista ou ditatorial.” (‘Tunísia – os riscos de um fracasso, dez anos após a revolução’, Le Monde, 2020)

Esta formulação fundamenta uma oposição entre Ocidente/progresso e Islão/retrocesso, alinhando-se com o enquadramento orientalista. O mesmo padrão discursivo é visível no caso do Irão:

“O respeito pelos direitos humanos nunca caracterizou a República Islâmica do Irão. [...] A execução [...] do jornalista e opositor Rouhollah Zam é uma ignomínia que marca uma nova etapa na escalada da repressão e na ascensão da ala mais dura do regime, oposta a qualquer retoma de contactos com os Ocidentais.” (‘A preocupante deriva do Irão’, Le Monde, 2020)

O jornal enquadra a imagem da República Islâmica do Irão como um símbolo de repressão, ao utilizar termos como “ignomínia”, o jornal caracteriza a sua perceção de um país islâmico em crescente inclinação para um regime repressivo e isolado do ocidente por incompatibilidade ideológica. Atribuindo a regressão do Irão ao fundamentalismo religioso por tomar um viragem anti-ocidental, comum aos regimes não laicos. Este enquadramento é também visível na cobertura dos acontecimentos relacionados com a decapitação de Samuel Paty. O jornal enfatiza a oposição entre liberdade de expressão e radicalismo religioso, sugerindo que a intolerância de alguns grupos muçulmanos mina os valores fundamentais da República Francesa, rematando o tema orientalista da regressão cultural e social:

“Os professores vivem regularmente agressões [...] alimentadas por uma propaganda que [...] impõe insidiosamente a ideia de que os muçulmanos teriam uma vingança a tomar sobre o Ocidente.” (‘Não morrer por ensinar’, Le Monde, 2020)

O jornal ao mostrar-se defensor de uma integração social entre o grupo interno e o grupo externo, ao repelar a perceção ultrapassada, mas difundida entre a comunidade muçulmana: de que a França ataca o Islão como um todo:

“[...] crise profunda” que atravessa a religião do islão, e a ideia muito difundida de que a França leva a cabo uma ofensiva não contra uma minoria islamista radical, mas contra o islão no geral e, portanto, contra a sua própria população muçulmana (‘A laicidade frente à parede de incompreensão’, Le Monde, 2020)

“[...]”É essa falsa ideia que é crucial combater. Isso requer um esforço comum e o contributo de todos aqueles que, incluindo os muçulmanos, estão ligados aos valores de liberdade e de abertura.” (‘A laicidade em frente ao muro de incompreensão’, Le Monde, 2020)

O jornal reconhece, contudo, que esse combate implica um esforço mútuo – político, histórico e diplomático – para lidar com as heranças coloniais e as discriminações internas. Por fim, a relação entre islamismo radical e exclusão social é apontada como uma das causas da radicalização, que se deve a todo o custo combater:

“Estabelecer uma ligação entre o islamismo radical e a guetização de certos bairros foi uma primeira condição para que o problema fosse plenamente tratado. Reforçar o arsenal repressivo não servirá, de facto, para nada se não for levada a cabo uma ação vigorosa a favor da igualdade de oportunidades.” (‘Separatismo’, Le Monde, 2020)

“O presidente [...] apontou a responsabilidade dos eleitos da República na constituição dos guetos que alimentam hoje o islamismo radical.” (‘Contra o islamismo radical, o equilíbrio da lei’, Le Monde, 2020)

4.2 Le Figaro: Temas predominantes

Foram selecionados 15 editoriais do *Le Figaro* publicados entre 2020 e 2024, verificando-se, em contraste com o *Le Monde*, uma maior concentração de textos no ano de 2024, que foi um ano marcado pelos jogos olímpicos, sobretudo na questão do uso do hijab pelas atletas de confissão muçulmana. A análise revelou uma homogeneidade temática significativa, com destaque para três áreas centrais como: a crítica partidária e social, o terrorismo e construção da ameaça do *outgtoup*, esta última surgindo com frequência ao longo dos diferentes períodos analisados (Cf. figuras 4.3 e 4.4), ainda que com variações na sua intensidade.

Fig. 4.3 – Distribuição dos editoriais por ano.

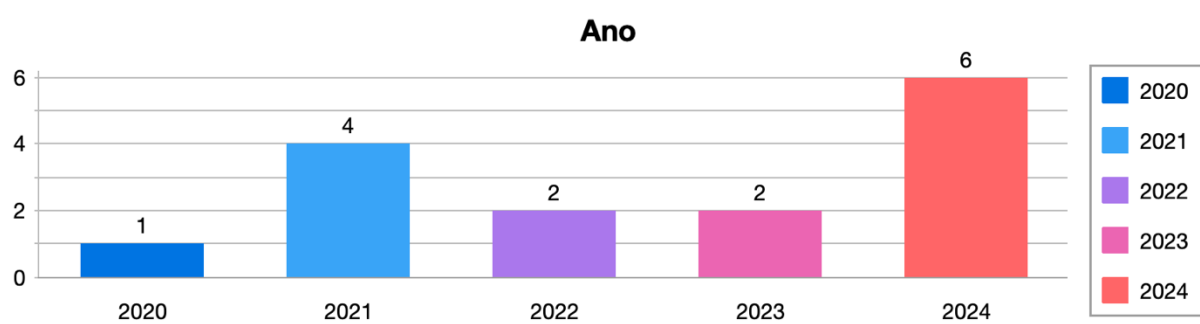
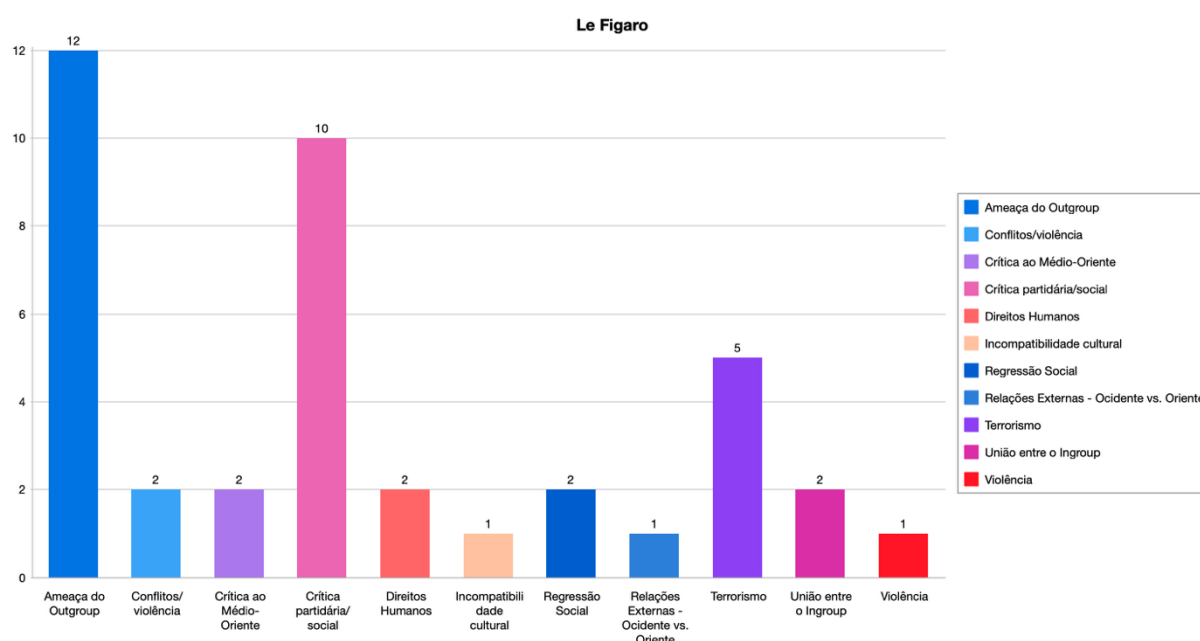


Fig. 4.4 – Distribuição temática dos editoriais do *Le Figaro* (2020–2024).



Com base na recorrência dos temas e na sua relevância para a problemática da investigação, optou-se por destacar como eixo analítico principal a ameaça do *outgroup*, também pela sua ligação direta à representação dos países muçulmanos e à ideia generalizada de que são os agentes agressores, cujo costumes são alheios ao *ingroup*, conforme defendido por Said ao referir a lógica de oposição entre *nós* e os *outros*.

4.3 Ameaça do Outgroup: análise de conteúdo

O conceito de neo-orientalismo assenta, como referido anteriormente, na perceção de uma ameaça de invasão por parte de grupos com costumes considerados alheios, vistos como um perigo para o modo de vida ocidental. O *Le Figaro* apresenta o Islão como detentor de um carácter expansionista, associando-o a ataques terroristas que visariam minar os valores europeus e subjugar a civilização ocidental. Esta abordagem permite ilustrar o que Caffarel-Cayron e Rechniewski (2014) descrevem como o tom emocionalmente estridente do jornal. Desde as primeiras leituras, torna-se evidente a dificuldade do *Le Figaro* em distinguir entre Islão e radicalismo islâmico, confirmando o padrão de ausência de critérios diferenciadores que, como discutido anteriormente, caracteriza o enquadramento de muitos jornais ocidentais.

“O Islão conquistador escolhe os seus alvos, não ataca 'valores', mas sim uma civilização.”
(2020_Atentado islamista em Viena – «A Europa no coração», Le Figaro, 2020)

Os editoriais do *Le Figaro*, procuram interpelar os leitores através de um discurso assente na presença de um perigo iminente. Em várias passagens o termo “eles” intensifica a questão do *nós* vs os *outros*.

“Quando matam com um tiro na cabeça crianças judias, quando assassinam jornalistas e desenhadores, quando degolam um padre, quando colocam uma bomba durante um concerto em Inglaterra, quando decapitam um professor, quando semeiam o terror na cidade de Mozart, é o nosso mundo que atacam. ‘Os islamistas estão convencidos de que o episódio europeu está a chegar ao fim’, avisa-nos há muito Boualem Sansal. Se, para servir as suas funestas causas, vestem o traje do novo amaldiçoado da Terra, têm apenas um objetivo: a conquista.” (2020_Atentado islamista em Viena – «A Europa no coração», Le Figaro, 2020)

Em vários momentos, o jornal acusa o governo de conivência com os radicalistas, apontando a sua inação como forma de complacência. Num dos editoriais, o *Le Figaro* critica o facto de o governo impor medidas rigorosas no contexto da crise da COVID-19, enquanto se mostra hesitante ou passivo perante aquilo que considera ser uma ameaça comparável: a crescente influência do Islão na sociedade francesa. Segundo o jornal, o receio de represálias ou de ser acusado de preconceito leva o Estado a evitar a imposição de regras que limitem essa influência no território nacional.

“Implacável com o uso da máscara, com o dono do café da esquina e com o passeio noturno, fraco com aqueles que nos provocam, nos insultam, nos ameaçam e, por fim, nos matam. Já o partido da negação convoca a psiquiatria, invoca o mistério da passagem ao ato, o perigo da generalização. Esquece-se que essas vocações de assassino nascem na encruzilhada entre a delinquência, a loucura, o islamismo e a prisão. Toda a gente já percebeu isso. É por isso que a raiva popular é profunda e exige, finalmente, coragem política.”
(2021_Editorial do Figaro – «Jihadismo de atmosfera” e esquizofrenia francesa», Le Figaro, 2021)

No que diz respeito aos bairros sociais, ambos os jornais estabeleceram uma ligação entre esses espaços e processos de radicalização, sugerindo que constituem ambientes propícios ao extremismo. No entanto, a abordagem do *Le Figaro* distingue-se por acentuar o papel do Islão nesses contextos, interpretando a sua presença – e, em particular, a adesão dos jovens muçulmanos a esse modo de vida – como parte integrante da ameaça que esta comunidade representa para o país. Enquanto no *Le*

Monde se fala de isolamento social das comunidades muçulmanas, o *Le Figaro* salienta a isolamento dos princípios laicos franceses, que estão em constante ameaça.

Conhece-se o argumento avançado para justificar estes dois pesos, duas medidas: as mulheres iranianas são obrigadas a cobrir a cabeça, enquanto as mulheres francesas usarão o véu livremente. Mas isso é dar muito pouca importância à pressão religiosa que se exerce nos nossos bairros periféricos islamizados. (2022_Editorial do Figaro Magazine – «Em nome de Mahsa», Le Figaro, 2022)

Ao longo dos editoriais selecionados do presente jornal, a distinção entre muçulmanos e radicalistas é ténue, dada a frequência com que ambos os termos se sobrepõem ou se aproximam semanticamente. Num editorial de 2023, o jornal afirma que “o islamismo não se confunde, evidentemente, com o Islão, mas dele provém”, reforçando assim uma visão essencialista da religião como origem do extremismo. Esta formulação ilustra a sua postura de tolerância zero em relação ao chamado “Islão de França”, frequentemente defendido nos editoriais do *Le Monde* como compatível com os valores republicanos.

Seria útil abrir um debate sobre os riscos que representa uma imigração contínua e de grande escala proveniente de países muçulmanos. O islamismo não se confunde, evidentemente, com o islão, mas dele provém.”(2023_Sociedade em perigo, Le Figaro ,2023).

Enquanto o *Le Monde* enquadra o problema da radicalização no contexto da exclusão social, defendendo que este fenómeno deve ser enfrentado pelo governo através de políticas públicas, o *Le Figaro* atribui a origem do problema à imigração proveniente de países muçulmanos. O jornal reforça ainda a ideia de que “uma determinada¹⁶”esquerda instrumentaliza temas como o uso do véu e a liberdade de escolha das mulheres para possivelmente conquistar o eleitorado feminino. Nesta perspetiva, a ameaça do grupo externo não se limita à segurança pública, afetando também os direitos individuais das mulheres, nomeadamente no que respeita à sua autonomia para usar – ou recusar – o véu no espaço público francês.

¹⁶ Yves Thréard. (2023, October 6). *Voile islamique dans le sport: “L’épreuve de tous les dangers.”* Le Figaro.

<https://www.lefigaro.fr/vox/societe/voile-islamique-dans-le-sport-l-epreuve-de-tous-les-dangers-20231006>

“O jogo que se disputa, atualmente, em campos de basquetebol da região parisiense nada tem a ver com desporto. Está em causa o futuro do nosso país, a sua liberdade, e, antes de mais, a das mulheres.” (2023_ Véu islâmico no desporto, Le Figaro, 2023)

A preocupação com o futuro da educação está igualmente presente nos editoriais do *Le Figaro*. O jornal acusa o governo de não prestar apoio suficiente aos docentes, que se veem frequentemente ameaçados ao intervir nas escolhas comportamentais ou religiosas dos seus alunos muçulmanos.

Na sexta-feira, em Paris, um diretor de escola demitiu-se, ameaçado de morte depois de ter pedido a três raparigas que retirassem o véu – o guardião expulso do santuário cercado em que se tornou a escola. A derrota é esmagadora, mas o caso, na verdade, é tristemente banal: os relatórios oficiais, nomeadamente os últimos e alarmantes trabalhos do Senado, mostram claramente o apagamento da laicidade e dos valores da República na escola, bem como o avanço de uma violência endémica em todos os estabelecimentos, desde o ensino básico. (2024_ «Escola – capitulação do Estado perante a ideologia islamista», Le Figaro, 2024)

Como referido anteriormente, os Jogos Olímpicos de Paris tornaram-se alvo de debate e escrutínio por parte da extrema-direita, sobretudo devido ao seu carácter inclusivo e progressista, visível desde a cerimónia de abertura. O *Le Figaro* estabeleceu uma ligação entre o Islão e este evento desportivo, procurando alertar os leitores para um suposto perigo iminente. Termos como *perigo, risco, desafio* e *anti-ocidental* são frequentemente utilizados, revelando a perceção negativa do jornal face à presença muçulmana no espaço público francês.

“Num país laico, os Jogos Olímpicos arriscam tornar-se a prova de todos os perigos neste domínio. A ascensão do islamismo no desporto em França não é recente, mas os Jogos Olímpicos deste verão poderão dar-lhe um relevo completamente diferente. Num país laico, este evento planetário corre o risco de ser a prova de todos os perigos neste terreno. O que acontecerá se uma atleta se apresentar com um burquíni à beira da piscina, com véu num estádio, ou recusar apertar a mão a um árbitro do sexo masculino? E se uma equipa nacional transformar parte do campo num espaço de oração? Num clima internacional fortemente antiocidental, as provocações poderão ser múltiplas.” (2024_ «Islamismo no desporto – o jogo que é absolutamente necessário vencer», Le Figaro, 2024)

Por fim, é possível concluir que o jornal identifica dois problemas centrais: a imigração de indivíduos muçulmanos e a relutância do Estado em reconhecer uma suposta incompatibilidade entre esses grupos e os valores da sociedade francesa. Por receio de represálias por parte de uma “minoría”, o *Le Figaro* acusa o governo de exercer uma tolerância excessiva face a indivíduos que, na sua perspetiva, representam uma ameaça à segurança pública e à natureza laica da República.

“Sob a pressão e intimidação exercidas por uma minoria, estaremos dispostos a aceitar o inaceitável, a renunciar aos nossos valores? Não foi já essa mesma atitude tímida que, em 1989, permitiu a três alunas do ensino básico, em Creil, assistirem às aulas com um véu islâmico na cabeça? Chamado a pronunciar-se, o Conselho de Estado considerou então que esse lenço não era incompatível com o nosso princípio de laicidade.” (2024_«Laicidade – recusar o inaceitável», Le Figaro,2024)

4.4 Interpretação dos resultados

Com base na leitura de 30 editoriais dos jornais *Le Monde* e *Le Figaro*, é possível identificar preocupações claras, ainda que distintas, relativamente à presença e representação da comunidade muçulmana em França. Este capítulo discute os resultados anteriormente apresentados à luz do enquadramento teórico desenvolvido na revisão da literatura, nomeadamente os conceitos de orientalismo (Said, 1978), neo-orientalismo (Tuastad, 2003), representação mediática e enquadramento noticioso.

O *Le Monde* adota uma postura mais moderada, condenando a vertente radicalista associada ao Islão, mas mantendo um discurso que procura conciliar os valores da laicidade com o respeito pela diversidade religiosa. Esta postura aproxima-se da lógica de negociação simbólica discutida por Cesari (2009), segundo a qual os media mais centristas tentam equilibrar o discurso securitário com narrativas de inclusão, ainda que marcadas por ambivalência. Em vários editoriais, é visível a tentativa de promover um esforço mútuo entre Estado e comunidades muçulmanas para superar preconceitos e combater a radicalização. Esta abordagem aproxima-se de uma perspetiva que, embora não isenta de orientalismo, tenta negociar significados e abrir espaço ao “outro” dentro da lógica republicana francesa.

Em contraste, o *Le Figaro* exibe uma retórica menos aberta ao diálogo, apelando frequentemente ao controlo da imigração muçulmana. A representação dos imigrantes, particularmente os provenientes de países árabes, é frequentemente associada a uma ameaça civilizacional, ecoando o discurso neo-orientalista que identifica o Islão com um perigo intrínseco à segurança, aos valores ocidentais e à identidade nacional. A ênfase em elementos como o uso do véu, os ataques terroristas e a presença muçulmana em espaços públicos refletem uma construção do *outgroup* como essencialmente incompatível com o *ingroup*, tal como discutido por Said e, mais recentemente, por autores como Cesari (2009) e Poole (2002).

A frequência de palavras nas nuvens geradas (Cf. figuras 4.5 e 4.6) pela plataforma revela que ambos os jornais tendem a enfatizar temas com conotações negativas, contribuindo para uma

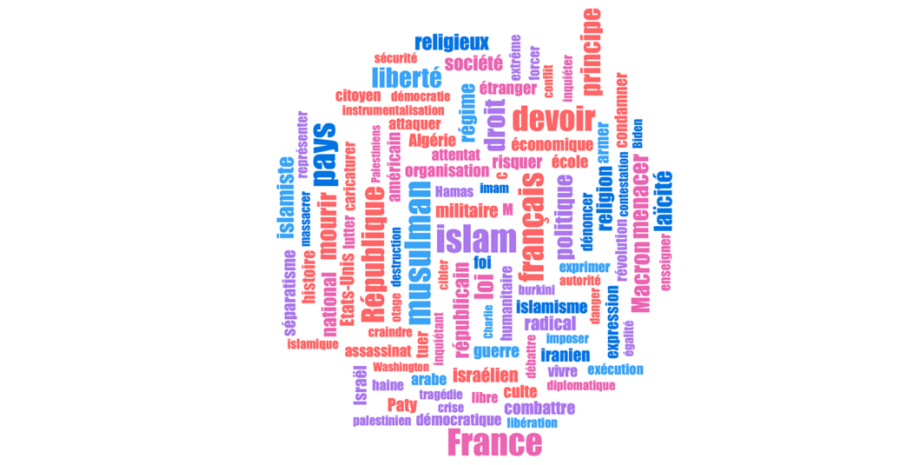
representação da comunidade muçulmana centrada em aspetos desfavoráveis, em detrimento das suas potencialidades ou virtudes. No caso do Le Figaro, destaca-se o uso recorrente do pronome “nosso” (“notre”), frequentemente mobilizado para reforçar a identidade do grupo interno (ingroup) em oposição ao outgroup. Esta dicotomia discursiva “nós” versus “eles” emerge com clareza em várias passagens, marcando uma fronteira simbólica entre a sociedade francesa e a alteridade muçulmana. Palavras como “droit” (direito), “céder” (ceder), “menacer” (ameaçar), “prosélytisme” (proselitismo) e “école” (escola) são apresentadas como ameaças aos valores republicanos e à coesão social, ilustrando a visão securitária e defensiva do jornal face à presença islâmica em França.

Tal como sustentado por Entman (1993), os enquadramentos noticiosos não apenas selecionam aspetos da realidade, mas organizam-nos de modo a promover interpretações particulares. No caso do Le Figaro, esta seleção lexical reforça um enquadramento de ameaça civilizacional, onde o Islão é construído como fator de disrupção.

Fig. 4.5 – Nuvem de palavras dos editoriais do Le Figaro (2020–2024)



Fig. 4.6 – Nuvem de palavras dos editoriais do Le Monde (2020–2024)



A nuvem de palavras do *Le Monde* remete-nos para termos que transmitem o mesmo sentimento que no *Le Figaro* – como “droit” (direito), “mourir” (morrer), “République”, “combattre” (combater) e “haine” (ódio) –, mas estes surgem num enquadramento discursivo distinto. Ao invés de reforçar uma lógica de confrontação binária entre *ingroup* e *outgroup*, o discurso tende a contextualizar essas palavras no âmbito dos desafios internos da sociedade francesa, nomeadamente as tensões entre laicidade, liberdade de expressão e integração. A retórica adotada revela maior abertura à complexidade do fenómeno, procurando articular a crítica ao radicalismo islâmico com a responsabilidade histórica do Estado francês e a necessidade de diálogo intercultural.

CAPÍTULO 5

Conclusões

5 Sobre o posicionamento ideológico dos jornais

Com base na análise de Benson (2010) sobre a cobertura mediática francesa e norte-americana, conclui-se que o *Le Figaro* adota uma postura mais crítica em relação ao governo e à ideologia de esquerda. Os seus editoriais são frequentemente descritos como “emocionalmente carregados”, uma vez que procuram interpelar diretamente o leitor através de uma estrutura argumentativa persuasiva, que visa convencê-lo de uma realidade específica (Caffarel-Cayron e Rechniewski, 2014, pp. 23–25). Estes textos apresentam ainda uma componente acusatória clara, particularmente dirigida ao governo e às suas ações em contextos específicos. Em contraste com o *Le Monde*, que revela um carácter mais reflexivo e analítico no seu posicionamento editorial como verificámos no capítulo 4.

A 31 de outubro de 2010, o *Le Monde* publicou um artigo de debate sobre o seu posicionamento ideológico. O jornal rejeita qualquer filiação política, afirmando que a sua linha editorial assenta em valores “democráticos, de liberdade, de justiça, de tolerância, de luta contra a discriminação e racismo...” (Maurus, 2010¹⁷). Contudo, de acordo com uma sondagem do Instituto Francês de Opinião Pública (IFOP¹⁸), realizada em 2012, a maioria dos leitores do *Le Monde* votava em candidatos da esquerda. Isso sugere que, ainda que o jornal se assuma como imparcial, tende a atrair um público identificado com ideologias progressistas.

O *Le Monde* tenta compatibilizar laicidade e inclusão, ainda que com ambiguidades; o *Le Figaro*, por sua vez, sustenta um discurso de antagonismo e ameaça, alinhado com uma perspetiva neo-orientalista.

Como analisado na revisão da literatura, os media exercem um papel central na cristalização de imaginários sociais (Poole, 2002), nomeadamente na forma como o Islão é representado enquanto alteridade interna a ser tolerada, vigiada ou rejeitada, consoante o posicionamento editorial. Esta análise permite, portanto, retomar as questões teóricas exploradas na revisão da literatura, oferecendo um quadro comparativo sobre como os media franceses constroem discursivamente o

¹⁷ Ligne politique ? (2010, October 30). *Le Monde*.fr. https://www.lemonde.fr/idees/article/2010/10/30/ligne-politique-par-veronique-maurus_1433279_3232.html

¹⁸ IFOP (2012) Analyse du vote selon les habitudes médias, p-10. https://www.ifop.com/wp-content/uploads/2018/03/1852-1-study_file.pdf

Islão e os países muçulmanos, refletindo e reforçando imaginários sociais que moldam a opinião pública e o debate político em França.

Com base na análise qualitativa e no apoio das visualizações geradas, confirma-se a importância de conjugar abordagens metodológicas distintas, pois, embora os dois jornais recorram a léxicos semelhantes, o sentido e a carga semântica atribuída aos termos variam significativamente conforme o contexto discursivo. Ambos os órgãos condenam, de forma inequívoca, a vaga de violência que tem abalado a sociedade francesa nos últimos anos. No entanto, divergem profundamente na forma como conceptualizam o papel do Islão e da comunidade muçulmana nesse cenário. O *Le Monde* tende a adotar uma abordagem mais equilibrada, procurando compatibilizar os princípios republicanos com a inclusão, enquanto o *Le Figaro* opta por um enquadramento de antagonismo, onde o Islão é frequentemente apresentado como uma ameaça à identidade nacional e à coesão social. Estas diferenças espelham, como argumentado na revisão da literatura, a forma como os media participam na construção e reprodução de imaginários sociais, moldando, através das suas escolhas discursivas, o campo simbólico onde se desenham os limites da cidadania e da alteridade em França.

A presente dissertação procurou analisar o modo como os jornais *Le Monde* e *Le Figaro* representaram o Islão e os países muçulmanos entre 2020 e 2024, com base numa amostra de 30 editoriais e através de uma abordagem qualitativa apoiada em ferramentas de análise relacional. Partindo dos enquadramentos teóricos sobre orientalismo, neo-orientalismo e representação mediática, demonstrou-se que os dois jornais constroem imagens distintas da comunidade muçulmana, refletindo orientações ideológicas e editoriais diferenciadas.

Os principais contributos deste estudo incidem sobre a identificação de dois enquadramentos distintos: por um lado, o *Le Monde* tende a adotar uma abordagem mais conciliadora, que reconhece a complexidade do fenómeno religioso e a importância do diálogo intercomunitário; por outro lado, o *Le Figaro* recorre frequentemente a um discurso de oposição dicotómica, enquadrando o Islão como ameaça à identidade e à coesão da sociedade francesa. A análise relacional dos códigos e das nuvens de palavras permitiu visualizar estas tendências de forma complementar à análise textual, confirmando a relevância da conjugação metodológica.

No entanto, esta investigação não está isenta de limitações. A escolha dos editoriais como única fonte textual restringe a análise a um género discursivo específico, deixando de fora outros formatos jornalísticos que poderiam oferecer perspetivas adicionais, como reportagens, entrevistas ou colunas de opinião. Além disso, o corpus é limitado no tempo e no número de textos, o que impede generalizações mais abrangentes sobre a totalidade da cobertura mediática francesa. Também a análise contextual poderia ser mais aprofundada, conferindo maior atenção ao contexto político, social e económico de cada momento editorial.

Para investigações futuras, sugere-se a expansão do corpus a outros géneros jornalísticos e a outros meios de comunicação franceses, incluindo televisões e rádios. Seria igualmente relevante proceder a uma análise longitudinal mais extensa, cobrindo um período mais longo, ou integrar uma perspetiva comparativa com jornais de outros países europeus. Por fim, a articulação com metodologias centradas na receção permitiria compreender como os discursos mediatizados são interpretados e apropriados pelos públicos, contribuindo para uma visão mais cabal do papel dos media na construção da alteridade religiosa em sociedades contemporâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvares, C. (2018). Mediatising the radical: the implied audience in Islamic State propaganda videos. *Digitale Medien Und Politisch-Weltanschaulicher Extremismus Im Jugendalter: Erkenntnisse Aus Wissenschaft Und Praxis*, 39–58. <https://doi.org/978-3-86379-260-2>
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Benson, R. (2010). What Makes for a Critical Press? A Case Study of French and U.S. Immigration News Coverage. *The International Journal of Press/Politics*, 15(1), 3–24. <https://doi.org/10.1177/1940161209349346>
- Bakir, V., & McStay, A. (2018). Fake News and The Economy of Emotions. *Digital Journalism*, 6(2), 154–175. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>
- Bromley, Victoria L. (2012). *Feminisms Maer: Debates, Theories, Activism*. Toronto: University of Toronto Press
- apud Heggenstaller, A. K., Rau, A., Coetzee, J. K., Ryen, A., & Smit, R. (2018). Reflecting on Female Beauty: Cosmetic Surgery and (Dis)Empowerment. *Qualitative Sociology Review*, 14(4). <https://doi.org/10.18778/1733-8077.14.4.04>
- Caffarel-Cayron, A., & Rechniewski, E. (2014). Exploring the generic structure of French editorials from the perspective of systemic functional linguistics. *Journal of World Languages*, 1(1), 18–37. <https://doi.org/10.1080/21698252.2014.893672>
- Cesari, J. (2009). *The securitisation of Islam in Europe*. Brussels: Centre for European Policy Studies (CEPS), CHALLENGE programme. <https://www.ceps.eu>
- Charette, L. de. (2024, March 27). “École : capitulation d’État face à l’idéologie islamiste.” *Le Figaro*. <https://www.lefigaro.fr/vox/societe/ecole-capitulation-d-etat-face-a-l-ideologie-islamiste-20240327>
- Creswell, J. W., & Clark, V. L. P. (2017). *Designing and conducting mixed methods research* (3rd ed.). Sage Publications.
- Entman, R. M. (1993, December). *Framing: Toward Clarification of A Fractured Paradigm*. ResearchGate ; Oxford University Press.
- Fenoglio, J. (2020, October 19). Ne plus mourir d’enseigner. *Le Monde.fr; Le Monde*. https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/10/19/ne-plus-mourir-d-enseigner_6056571_3232.html
- Foucault, M. (1976). *The Archaeology of Knowledge*. Apud Kerboua. (2016). From Orientalism to neo-Orientalism: Early and contemporary constructions of Islam and the Muslim world. *Intellectual Discourse*, 24(1), 7–34.
- Fowler, R. (1991). *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*. Routledge Apud van Dijk, T. A. (2008). *Discourse and power*. Palgrave Macmillan.
- Fürsich, E. (2002). How can global journalists represent the “Other”? *Journalism: Theory, Practice & Criticism*, 3(1), 57–84. <https://doi.org/10.1177/146488490200300102>
- Garfinkel, Harold (1967). *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall apud Heggenstaller, A. K., Rau, A., Coetzee, J. K., Ryen, A., & Smit, R. (2018). Reflecting on Female Beauty: Cosmetic Surgery and (Dis)Empowerment. *Qualitative Sociology Review*, 14(4). <https://doi.org/10.18778/1733-8077.14.4.04>

- Guillaume Roquette. (2022, September 23). L'éditorial du Figaro Magazine: "Au nom de Mahsa." Le Figaro.
<https://www.lefigaro.fr/vox/societe/l-editorial-du-figaro-magazine-au-nom-de-mahsa-20220923>
- Guillaume Roquette. (2023, October 20). L'éditorial du Figaro Magazine: "Société en danger." Le Figaro.
<https://www.lefigaro.fr/vox/societe/l-editorial-du-figaro-magazine-societe-en-danger-20231020>
- Hall, S. (1980) 'Encoding/decoding', pp 128-38 in S. Hall, D. Hobson, A. Lowe and P. Willis (eds) Culture, Media, Language. London: Hutchinson
- Holsti, O. R. (1969). Content Analysis for the Social Sciences and Humanities. Addison-Wesley. apud Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Holtz-Bacha, C. (2021). From misinformation to racism: Assessing the Twitter President. *European Journal of Communication*, 36(4), 418–421. <https://doi.org/10.1177/02673231211029595>
- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture Where Old and New Media Collide*.
- Kerboua, S. (2016). From Orientalism to neo-Orientalism: Early and contemporary constructions of Islam and the Muslim world. *Intellectual Discourse*, 24(1), 7–34.
https://www.researchgate.net/publication/305554944_From_Orientalism_to_neo-Orientalism_Early_and_contemporary_constructions_of_Islam_and_the_Muslim_world
- Kasirye, F. (2021, March 5). The Portrayal of Muslim Women in Western Media - Advance. *Advance.sagepub.com*.
<https://advance.sagepub.com/users/718085/articles/704430-the-portrayal-of-muslim-women-in-western-media>
- Lippmann W. (1922) *Public opinion*. New York: Macmillan, p.29., apud McCombs, M. (2002). *The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion*
- Li, K., & Zhang, Q. (2021). A corpus-based study of representation of Islam and Muslims in American media: Critical Discourse Analysis Approach. *International Communication Gazette*, 84(2), 174804852098744. <https://doi.org/10.1177/1748048520987440>
- Macnamara, J. (2005, January). *Media Content Analysis: Its Uses, Benefits and Best Practice Methodology*. ResearchGate.
https://www.researchgate.net/publication/267387325_Media_Content_Analysis_Its_Uses_Benefits_and_Best_Practice_Methodology
- Marques, F. P. J., & Mont'Alverne, C. (2019). What are newspaper editorials interested in? Understanding the idea of criteria of editorial-worthiness. *Journalism*, 146488491982850. <https://doi.org/10.1177/1464884919828503>
- McCombs, M. (2011, January). *The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion*. ResearchGate. https://www.researchgate.net/publication/237394610_The_Agenda-Setting_Role_of_the_Mass_Media_in_the_Shaping_of_Public_Opinion
- Mejia, B., Hernandez, A. O., & Esquivel, P. (2024, July 15). Thomas Matthew Crooks, who almost killed Trump, belonged to gun club. *Los Angeles Times*. <https://www.latimes.com/world-nation/story/2024-07-14/thomas-matthew-crooks-trump-assassination-attempt>

- Monde, L. (2020, December 10). Contre l'islamisme radical, l'équilibrisme de la loi. Le Monde.fr; Le Monde. https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/12/10/contre-l-islamisme-radical-l-equilibrisme-de-la-loi_6062884_3232.html
- Monde, L. (2020, November 2). La laïcité face au mur d'incompréhension. Le Monde.fr; Le Monde. https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/11/02/la-laicite-face-au-mur-d-incomprehension_6058190_3232.html
- Monde, L. (2020, December 16). L'inquiétante dérive de l'Iran. Le Monde.fr; Le Monde. https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/12/16/l-inquietante-derive-de-l-iran_6063578_3232.html
- Monde, L. (2020, October 3). "Séparatisme" : une réponse pour le long terme. Le Monde.fr; Le Monde. https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/10/03/separatisme-une-reponse-pour-le-long-terme_6054627_3232.html
- Monde, L. (2020, December 18). Tunisie : les risques d'un échec, dix ans après la révolution. Le Monde.fr; Le Monde. https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/12/18/tunisie-les-risques-d-un-echec_6063844_3232.html
- Moreno Espinosa, Dra. P. (2003). Géneros para la persuasión en prensa: los editoriales del Diario El País. Ámbitos. Revista Internacional de Comunicación, 9-10, 225–238. <https://doi.org/10.12795/ambitos.2003.i09-10.12>
- Pariser, E. (2011). The Filter Bubble: What the internet is hiding from you. Penguin Press.
- Poole, E. (2002). Reporting Islam : Media Representations of British Muslims. I.B. Tauris.
- Posetti, J. N. (2006). Media representations of the hijab Reporting Diversity - Journalism in Multicultural Australia (pp. 1-38) Australia : Australian Government.
- Powell, K. A. (2011). Framing Islam: An Analysis of U.S. Media Coverage of Terrorism Since 9/11. Communication Studies, 62(1), 90–112.
- Ranji, B. (2021). Traces of orientalism in media studies. Media, Culture & Society, 43(6), 016344372110226. <https://doi.org/10.1177/01634437211022692>
- Said, E. W. (1997). Covering Islam: How the media and the experts determine how we see the rest of the world. Vintage Books.
- Said, E. W. (1978). Orientalism. Penguin. (Original work published 1978)
- Schudson, M. (1989). How Culture Works: Perspectives from Media Studies on the Efficacy of Symbols. Theory and Society, 18(2), 153–180. <https://doi.org/10.1007/bf00160753>
- Silverstone, R. (2002). Complicity and Collusion in the Mediation of Everyday Life. https://www.infoamerica.org/documentos_pdf/silverstone08.pdf
- Sheikh, K., V. Price and H. Oshagan (1995) 'Press Treatment of Islam: What Kind of Picture do the Media Paint?', Gazette 56: 139-54. apud Ibrahim, D. (2010). The Framing of Islam On Network News Following the September 11Th Attacks. International Communication Gazette, 72(1), 111–125. <https://doi.org/10.1177/1748048509350342>
- Steinert, S., & Dennis, M. J. (2022). Emotions and Digital Well-Being: on Social Media's Emotional Affordances. Philosophy & Technology, 35(2). <https://doi.org/10.1007/s13347-022-00530-6>.

- Trémolet, V. (2020, November 3). Attentat islamiste à Vienne: "L'Europe en plein cœur." Le Figaro. <https://www.lefigaro.fr/vox/monde/attentat-islamiste-a-vienne-l-europe-en-plein-coeur-20201103>
- Trémolet, V. (2021, May 28). L'éditorial du Figaro: "'Djihadisme d'atmosphère' et schizophrénie française." Le Figaro. <https://www.lefigaro.fr/vox/societe/l-editorial-du-figaro-djihadisme-d-atmosphere-et-schizophrenie-francaise-20210528>
- Tuastad, D. (2003). Neo-Orientalism and the New Barbarism thesis: Aspects of Symbolic Violence in the Middle East conflict(s). *Third World Quarterly*, 24(4), 591–599.
- Wahid, M. A. (2023). From Orientalism to neo-Orientalism: medial representations of Islam and the Muslim world. *Textual Practice*, 39(2), 1–20. <https://doi.org/10.1080/0950236x.2023.2288112>
- Wasko, J. (2012). Studying the political economy of media and information. *Comunicação E Sociedade*, 7, 25–48. [https://doi.org/10.17231/comsoc.7\(2005\).1208](https://doi.org/10.17231/comsoc.7(2005).1208)
- van Dijk, T. A. (2008). *Discourse and power*. Palgrave Macmillan.
- van Dijk, T. A. (2012). The Role of the Press in the Reproduction of Racism. *Migrations: Interdisciplinary Perspectives*, 15–29. https://doi.org/10.1007/978-3-7091-0950-2_2
- von Sikorski, C., Matthes, J., & Schmuck, D. (2018). The Islamic State in the News: Journalistic Differentiation of Islamist Terrorism From Islam, Terror News Proximity, and Islamophobic Attitudes. *Communication Research*, 48(2), 009365021880327. <https://doi.org/10.1177/0093650218803276>
- Yves Thréard. (2024, March 13). "Laïcité: refuser l'inacceptable." Le Figaro. <https://www.lefigaro.fr/vox/politique/laicite-refuser-l-inacceptable-20240313>
- Yves Thréard. (2024, March 3). "Islamisme dans le sport : le match qu'il faut impérativement gagner." Le Figaro. <https://www.lefigaro.fr/vox/societe/islamisme-dans-le-sport-le-match-qu-il-faut-imperativement-gagner-20240303>
- Yves Thréard. (2023, October 6). Voile islamique dans le sport: "L'épreuve de tous les dangers." Le Figaro. <https://www.lefigaro.fr/vox/societe/voile-islamique-dans-le-sport-l-epreuve-de-tous-les-dangers-20231006>

ANEXOS

a) Lista de códigos – Gerados pelo MaxQda

[Le Monde] Tunisie - les risques d'un échec, dix ans après la révolution	0
Opressão política	3
Regressão social, económica e social	6
[Le Monde] Ne plus mourir d'enseigner_le monde	0
Laicidade, integração social	1
Regressão social,económica e cultural	3
Terrorismo	3
[Le Monde] La laïcité face au mur d'incompréhension_Le monde	0
Laicidade,integração social	3
Relações Externas - Ocidente vs. Oriente	4
Regressão social, económica e cultural	4
Terrorismo	1
[Le Monde] L'inquiétante dérive de l'Iran_le Monde	0
Relações Externas - Ocidente vs. Oriente	3
Regressão, social,económica e cultural	4
Opressão política	7
[Le Monde] Contre l'islamisme radical, l'équilibrisme de la loi_Le monde	0
Regressão socia, economica e cultural	1
Terrorismo	2
Laicidade,integração social	5
[Le Monde] Séparatisme_ Art 1_Le Monde	0
Regressão social, económica e cultural	1
Terrorismo	1
Laicidade, integração política	5
[Le monde] Piscines - la laïcité sans naïveté ni hostilité	0
Laicidade,integração política	2
Opressão política	2
Instrumentalização Política	4
[Le Monde]L'Arabie saoudite, royaume de la peine de mort	0
Relações Externas - Ocidente vs. Oriente	2
Terrorismo	1
Opressão política	4

Direitos do homem	4
[Monde] S'exprimer sans crainte sur L'islam	0
Opressão política	1
Instrumentalização política	1
Laicidade, Integração Social	3
Terrorismo	5
[Le Monde]Chartre des principes un pas pour l'islam de de France- Le monde	0
Terrorismo	1
Integração político-religiosa	7
[Le Monde]11-Septembre : des leçons pour l'Amérique	0
Direitos do Homem	2
Relações Externas - Ocidente e Oriente	5
Terrorismo	3
[Monde] Boualem Sansal - le silence injustifiable d'Alger	0
Revolução vs. Opressão	2
Relações Externas - Ocidente e Oriente	5
[Le Monde] Guerre au Proche-Orient - au-delà du fracas des armes	0
Relações externas - Ocidente e Oriente	1
Revolução vs. Opressão	1
Conflitos, Violência	3
[Le Monde]Les enseignants, remparts contre l'obscurantisme (2023 Les enseignants, remparts contre l'obscurantisme, Pos. 1)	0
Laicidade, integração social	1
Radicalismo Islâmico	8
Terrorismo	5
[Le Monde] Guerre Israël-Hamas - l'arrêt ponctuel des combats à Gaza ne suffit pas	0
Relações Externas - Ocidente vs. Oriente	2
Conflitos/violência	7
[Le Figaro]«Le double visage des islamistes syriens»	0
Violência	1
Crítica ao Médio-Oriente	5
[Le Figaro] «Laïcité- refuser l'inacceptable»	0
Ameaça do Outgroup	1
Crítica partidária/social	4

[Le Figaro] «Islamisme dans le sport - le match qu'il faut impérativement gagner»	0
Crítica partidária/social	1
Crítica ao Médio-Oriente	1
Ameaça do Outgroup	2
[Le Figaro] «École - capitulation d'État face à l'idéologie islamiste»	0
Ameaça do Outgroup	3
Violência	2
Crítica partidária/social	2
[Le Figaro] Voile islamique dans le sport	0
União entre o Ingroup	2
Ameaça do Outgroup	3
20 [Le Figaro] Société en danger	0
Crítica partidária/social	3
Ameaça do Outgroup	5
[Le Figaro] L'éditorial du Figaro- «Militantisme islamique, de la naïveté à la complicité»	0
Crítica partidária/social	3
Ameaça do Outgroup	3
[Le Figaro] Samuel Paty- «Un an après...»	0
Ameaça do Outgroup	1
Crítica partidária/social	2
Terrorismo	1
[Le Figaro] L'éditorial du Figaro- «Attentat islamiste, le flagrant déni de réalité»	0
Ameaça do Outgroup	1
Terrorismo	2
Crítica partidária/social	3
[Le Figaro] L'éditorial du Figaro- «“Djihadisme d'atmosphère” et schizophrénie française»	0
Ameaça do Outgroup	1
Crítica partidária/social	3
Terrorismo	1
[Le Figaro] L'éditorial du Figaro Magazine- «La loi du voile»	0
Regressão Social	1
Ameaça do Outgroup	6

Conflitos/violência	2
[Le Figaro] L'éditorial du Figaro Magazine- «Au nom de Mahsa»	0
Crítica partidária/social	1
Incompatibilidade cultural	3
Direitos humanos	2
Ameaça do Outgroup	5
[Le Figaro] L'Afghanistan des talibans, le pays des fous»	0
Crítica ao Médio Oriente	3
Direitos humanos	2
Regressão Social	4
[Le Figaro] Attentat islamiste à Vienne: «L'Europe en plein cœur»	0
União dentro do Ingroup	1
Ameaça do Outgroup	3
Terrorismo	3
[Le Figaro] Islamo-gauchisme - « Idiots utiles du djihad»	0
Terorrismo	1
Crítica partidária/social	3